

A MUDIATIZACÃO DO ADOECER: a supressão da vida em um regime temporal virtualizado¹

Vinicius FERREIRA²

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

O objetivo desse texto ensaístico é apresentar uma reflexão inicial sobre a midiatização do adoecer, tendo como cenário de estudo as décadas iniciais da epidemia de HIV/AIDS. Partindo dos apontamentos sobre o fenômeno da midiatização apresentadas por Sodré (2009) e Hjarvad (2012), privilegamos em nossa incursão teórica o aspecto da virtualização da doença e o borramento da fronteira entre o corpo saudável e o corpo enfermo, por meio de categorias caras ao universo semântico do HIV/AIDS, como portador, grupo de risco e doença crônica. Na conclusão, propõe-se, enquanto hipótese, que o regime temporal instaurado pelo diagnóstico da presença do vírus organiza a tríade temporal passando-presente-futuro, de modo a achatar o presente frente a um futuro inevitável e um passado condenatório.

PALAVRAS-CHAVE: História da Comunicação; Midiatização; Regimes de Temporalidade; Comunicação e Saúde; HIV/AIDS.

Nesta pesquisa, vamos discutir a centralidade da mídia no processo de construção social dos sentidos sobre o HIV/AIDS. Seguimos pelo caminho trilhado por Antônio Fausto Neto (2007, 1991) e consideramos que a história da Aids no Brasil é atravessada pela emergência do processo de midiatização, que assumiria alguns anos mais tarde sua máxima potência, modificando a relação entre sociedade, mídia e o jornalismo.

A midiatização implica em um novo modo de presença do sujeito no mundo, uma qualificação da vida marcada pela virtualização das articulações pessoais e institucionais (SODRÉ. 2009). Nesse regime de vinculação, as lógicas comunicacionais estão permeadas de tal maneira no tecido da sociedade, da cultura e de suas instituições que não é possível compreendê-las de forma separadas. Mesmo as realidades e práticas não diretamente mediadas midiaticamente são também afetadas pela presença dos meios de

¹ Trabalho apresentado na DT Temática 6 - Interfaces Comunicacionais do 26º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 1º a 3 de junho de 2023.

² Jornalista pela Universidade Federal do Piauí, Mestre e Doutorando em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, email: viniciusf.c@hotmail.com

comunicação. Trata-se de uma mediação indireta em que determinada atividade é cada vez mais influenciada em sua forma e em seu conteúdo pelos mecanismos midiáticos. O desenvolvimento do discurso intertextual entre os meios de comunicação e as outras instituições da sociedade, como o campo da saúde, são um exemplo (HJARVAD, 2012).

Michel Polack (1990), ao escrever *Uma Sociologia da Epidemia da AIDS*, afirma que a doença tomou forma através dos discursos midiáticos. Houve uma avalanche de notícias sobre a nova doença. A cobertura jornalística bombardeava diariamente a sociedade com novas notícias alarmantes sobre o vírus e os corpos por ele infectados. De setembro de 1987 a dezembro de 1996, por exemplo, a *Folha de S. Paulo* publicou 7.074 matérias que, de forma direta ou indireta, faziam referência à doença. Eram duas matérias por dia, ao longo de quase uma década. Em 1996, chegou a publicar 1.550 reportagens apenas naquele ano, chegando a uma média de 4,24 matérias por edição. O jornalista Aureliano Biancarelli, no seu relato, chama a atenção que enfermidades como a tuberculose ou a malária, que “continuam matando mais, nunca ganharam uma pequena parte dessa atenção” (BIANCARELLI, 1997, p. 144).

O surgimento do HIV/AIDS provocou, em muitos aspectos, uma transformação radical na forma como o campo da saúde e a sociedade lidavam com a doença. A ideia de portador, grupo de risco e, posteriormente, doença crônica impõe uma nova modalidade temporal do adoecer. A distância entre o corpo saudável e o corpo enfermo desaparece, a doença passa a ser vivida virtualmente no presente, ainda que, ela seja só uma projeção de futuro (MOULIN, 2008).

Tomemos como exemplo o risco, enquanto fator que incide sobre o corpo saudável provocando um curto-circuito. O desenvolvimento da medicina preventiva identificou certos comportamentos, hábitos e grupos populacionais como predisposições para o desenvolvimento de certas doenças. Com isso, se estabelece uma escalada dos fatores de risco, que passam a ser acompanhados com exames periódicos, cada vez mais regulares, responsáveis por identificar em cada um de nós uma inevitável desordem. Este quadro se potencializou com o surgimento da medicina predictiva, que explora os genes (MOULIN, 2008).

Com os investimentos massivos na medicina preventiva e predictiva se descobriu, por exemplo, que o câncer de mama é produzido por um oncogene detectável. Isso possibilita, por exemplo, que uma pessoa com incidência razoável de casos de câncer na

família e que tenha identificado nos seus exames a predisposição da doença recorra preventivamente a cirurgia de retirada da mama, como no caso da atriz Angelina Jolie. Neste exemplo, a probabilidade anunciada pelo risco, que é da ordem do virtual, foi encarada como real. Um câncer de mama futuro que ainda não existe e poderia não se desenvolver foi antecipado ao presente com força capaz de determinar as ações e promover uma mastectomia (D'AMARAL, 2003, p. 21).

Dessa forma, existe uma subversão da ordem causa e efeito. O futuro, que é uma virtualidade, é que passa a determinar o presente e, com isso, embaralhar as fronteiras entre o corpo saudável e enfermo. Essa virtualidade, típica de uma sociedade impregnada por uma lógica midiática, se faz presente nas concepções de grupo de risco e de portador. Ideias que foram centrais na construção do entendimento do HIV/AIDS.

O que observamos no processo de descoberta do vírus HIV e do desenvolvimento da epidemia da AIDS é a presença das logicas comunicacionais atravessando a compreensão sobre o que é a doença e suas formas de a experimentar. A construção social do HIV/AIDS evidencia que não se estava lidando apenas com um mal natural, mas um problema cultural e político.

Com isso, estamos partindo do pressuposto de que a doença extrapola o estado biológico. Sua significação envolve o acionamento de um amálgama de aspectos que abrangem tanto questões sociais e econômicas quanto aspectos culturais e históricos. O jornalismo se insere nessa rede discursiva, contribuindo para consolidar saberes e valores sobre as doenças perante a uma ampla audiência (FERRAZ; LEMER, 2017).

O HIV/AIDS, desde a explosão dos primeiros casos, já extrapolava os critérios biológicos. As significações sobre a doença, mesmo no campo biomédico, colocavam o doente (com um perfil identitário específico) também como inimigo a ser combatido. Com isso, se permitiu o uso da violência, inclusive médica, e a suspensão dos direitos civis normais.

Segundo Waldby (2005), o saber biomédico e os seus protocolos promoveram diversas formas particulares de violência em torno do HIV/AIDS. Para a autora, existe um amplo espectro da violência que pode ser percebido desde os relatos clínicos de agressão (simbólica e física) cometidos em paciências que vivem com o HIV até a violência classificatória utilizada pelas políticas de saúde públicas que se valeram do discurso da biomedicina para hierarquizar as práticas e corpos sexuais. No caso brasileiro,

por exemplo, argumentos de fundo sanitaria baseavam a existência de uma lei que proibia homossexuais de doarem sangue, violando assim seu direito civil de igualdade perante aos demais membros da sociedade. Tal proibição só foi derrubada apenas em 2021.

Dessa forma, o HIV/AIDS, para Waldby, deve ser interpretada como o sintoma não da atividade de um vírus, mas de um momento particular na história da política sexual. Enquanto doença, a AIDS não deve ser vista como um evento natural com consequências sociais. Ao contrário, as suas próprias condições de surgimento enquanto doença são derivadas de um conjunto de fatores sociais, com interesses políticos de controle da sexualidade, em especial da homossexualidade.

Durante a primeira fase da doença, em um contexto pré-coquetel, o diagnóstico da sorologia seria, seguindo a perspectiva de Ricoeur (2010), a peripécia responsável por reconfigurar a vida e suas narrativas. Segundo nossa hipótese existe um movimento inicial marcado pelo achatamento do presente. A iminência da doença faz dos portadores “mortos-vivos”, marcados por uma sentença de morte que se desenha em um futuro esmagador. Por vez, o passado se torna o local onde são apresentados os indícios de conduta que levaram ao contágio. Aqui as ações são lidas como imorais e pecaminosas, sendo o sujeito apresentado enquanto negligente com o seu corpo e com sua saúde e, por isso, responsável pelo mal pelo qual está acometido.

REFERÊNCIAS

BIANCARELLI, Aureliano. Doença em Foco: as reportagens sobre a Aids publicadas pela Folha de S. Paulo. **Revista USP**, (33), 1997, p. 136-147.

D'AMARAL, Marcio Tavares. Sobre tempo: considerações intempestivas. DOCTORS, Marcio (Org.) **Tempo dos Tempos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

FAUSTO NETO, Antônio. Entrevista com Antônio Fausto Neto: saúde em uma sociedade midiaticizada. **Eco-Pós** (UFRJ), v. 10, 2007, p. 198-206.

FAUSTO NETO, Antonio. **Mortes Em Derrapagens**: os casos Corona e Cazuza no discurso da comunicação de massa. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1991.

FERRAZ, L.; LERNER, Katia. A doença como construção jornalística no noticiário da revista Veja. In: LAGO, Claudia; MARTINEZ, Monica. (Org.). **Jornalismo**: silêncios, censuras e potências. 1aed.São Paulo: Balão Editoria, 2017, p. 26-40.

HJARVAD, Stig. Mídiação: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural 2012. **Matrizes (USP)**, ano 5, n.2, jan./jun. 2012, p.53-91.

MOULIN, Anne Marie. O corpo diante da medicina. In: COURTINE, Jean-Jaques (Org.) **História do Corpo**: as mutações do olhar. O século XX. Petrópolis: Vozes, 2008.

POLLAK, Michel. **Os homossexuais e a AIDS**: sociologia de uma epidemia. São Paulo: Estação Liberdade, 1990.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

SODRÉ, Muniz. **Antropológica do espelho**: uma teoria da comunicação linear e em rede. Petrópolis: Vozes, 2009.

WALDBY, Catherine. **AIDS and the body politic**: biomedicine and sexual difference. London and New York: Routledge, 2005.